

**A MODALIDADE LINGÜÍSTICA EM REGRAS DE ETIQUETA**Waldemar Duarte de Alencar NETO<sup>1</sup> (Universidade Federal do Piauí)

**RESUMO:** a modalidade é uma categoria linguística que se manifesta como expressão da atitude do sujeito enunciador em relação ao enunciado que produz e em relação ao co-enunciador. Nesse contexto, temos como objetivo: investigar a manifestação da modalidade no gênero discursivo *regras de etiqueta*, a partir da identificação dos tipos de modalidade e da descrição desses valores modais, levando em conta a presença do sujeito enunciador naquilo que constroi, seu ponto de vista, sua relação com o co-enunciador e a presença de marcas utilizadas para dar forma ao enunciado. Apoiamo-nos, para isso, na Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli. As análises recaem sobre os valores modais presentes nos enunciados de regras de etiqueta à mesa, no ambiente de trabalho e ao telefone, extraídas das revistas eletrônicas *Acessa.com* e *Brasil Escola*, *O Globo* e *Você S.A.*, respectivamente. O gênero, de fato, impõe, obriga, permite, proíbe ou restringe a partir das relações que o enunciador estabelece com o co-enunciador, muitas vezes num plano assimétrico. Mas também, o sujeito enunciador pode emitir um juízo apreciativo de valor sobre aquilo que diz ou simplesmente, negar, afirmar, transitar pelo domínio do não-certo ou interrogar (a interrogação pode ser considerada como valor modal intersujeitos ou integrante da primeira ordem de modalidades, assim como outras marcas), manifestando aí outros valores modais e a possível relação entre os tipos de modalidades.

**PALAVRAS-CHAVES:** Modalidade linguística. Enunciação. Regras de Etiqueta.

**1. Introdução**

A modalidade é uma categoria linguística que se manifesta como expressão do sujeito e que opera sempre em dois planos: leva-se em conta a relação do sujeito enunciador com o conteúdo que ele diz e a relação do enunciador com o co-enunciador. Assim, operação de construção do valor modal exprime diferentes tipos de relações entre o enunciador e a relação predicativa.

Aquele que enuncia configura-se como um sujeito enunciador, quem produz uma forma linguística com significação, e constroi um sistema referencial à medida que define um tempo e um espaço enunciativo. Todo enunciado, considerado como um agenciamento de marcadores se serve, portanto, de marcas gramaticais para exprimir o sujeito em relação àquilo que enuncia e o sujeito em relação a quem ele se dirige, ou seja, ao co-enunciador.

Os estudos sobre modalidades podem se realizar sob diferentes enfoques teóricos. Este trabalho se apoia nos pressupostos da Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli, por acreditarmos na importância dos estudos que consideram as coordenadas enunciativas construídas nas diferentes situações de enunciação. Esta teoria sustenta que é através da realização de operações que o enunciador pode especificar o grau e as condições de validade da sua predicação.

Neste trabalho, o objetivo é investigar a manifestação da modalidade no gênero discursivo *regras de etiqueta*, a partir da identificação dos tipos de modalidade e da descrição desses valores modais, levando em conta a presença do sujeito enunciador naquilo que

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras / Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí (Teresina – PI, julho de 2010). Email: walneto@hotmail.com

constroi, seu ponto de vista, sua relação com o co-enunciador e a presença de marcas utilizadas para dar forma ao enunciado.

As análises recaem sobre os valores modais presentes nos enunciados de regras de etiqueta à mesa, no ambiente de trabalho e ao telefone, extraídas das revistas eletrônicas *Acessa.com* e *Brasil Escola*, *O Globo* e *Você S.A.*, respectivamente. A diversificação de valores modais nesse gênero – o que não é muito comum em gêneros de natureza prescritiva – e o modo como enunciador dá forma à enunciação por meio da modalização justificam nossa escolha.

Inicialmente, discutimos alguns conceitos da teoria formal de A. Culioli, como o conceito de linguagem, enunciado, lexis, relação predicativa e relação enunciativa, necessários para a compreensão das análises. Consideramos, numa outra discussão, a importância da introdução de parâmetros enunciativos (situação de enunciação origem, sujeito enunciador, tempo da enunciação e co-enunciador) na descrição formal dos enunciados. Na sequência, discorreremos sobre a modalidade como categoria gramatical; descrevemos, brevemente, a constituição e o funcionamento do gênero *regras de etiqueta* numa perspectiva bakhtiniana. Discutida a teoria, passamos para o resultado das nossas análises.

## 2. Operações constitutivas do enunciado: alguns conceitos culiolianos

O quadro formal enunciativo de Antoine Culioli propõe a descrição e explicação dos fenômenos linguísticos nos seus aspectos gerais e globais, considerando que toda atividade do linguista é subordinada à enunciação. A Teoria das Operações Enunciativas é uma teoria de operações e trata a enunciação como um arranjo das formas que são marcas de operações subjacentes à atividade de linguagem.

A linguagem é, para Antoine Culioli, uma atividade que se manifesta de forma diferenciada na diversidade das línguas, e que envolve o processo de construção e reconstrução de significação que se realiza por meio de operações resultantes da produção de enunciados. Nesse contexto, é possível destacar duas entidades enunciativas, conforme Valentim (1998, p. 32): “o enunciador, aquele que produz uma forma linguística com significação, e, por outro lado, o co-enunciador, aquele que, pelo reconhecimento das formas linguísticas, reconstrói a sua significação”.

O enunciado, segundo Culioli (2002, p. 27), é “um agenciamento de marcadores, que são eles mesmos o traço das operações”. Depreende-se dessa afirmação que o enunciado é resultado de um conjunto de operações. É, pois, a construção de objetos enquadrados num sistema de localização – “Reperáge” para Culioli – e de um espaço referencial, assim como também a construção de um sistema intersubjetivo, levando-se em conta a classe de sujeitos que integram o sistema referencial.

Na Teoria das Operações Enunciativas destacamos três tipos de relações linguísticas que constituem o enunciado: a lexis, a relação predicativa e relação enunciativa. Vejamos.

A lexis não é um enunciado, é uma forma não ordenada (embora os termos da lexis sejam compatíveis com uma ordem), um esquema primitivo que permite a passagem do extralingüístico para o linguístico. Cada um dos termos da lexis remete a uma noção, e a partir dessa noção, construímos um domínio nocional. Culioli (1999, p. 10) decidiu chamar de noção o “feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e compreensão de enunciados”. A noção não é nem o léxico, nem um elemento gramatical, mas um elemento abstrato, constituído no empírico, situando-se, portanto, no nível da representação mental. A lexis é, também, a forma geradora da relação predicativa.

A relação predicativa, representada na teoria por <r>, será estabelecida a partir dos arranjos de uma dada lexis e organizará a partir de um termo de partida os outros dois termos.

Os elementos da lexis serão organizados nesse momento pelo sujeito enunciador / co-enunciador, ou seja, o enunciador organizará seu pensamento, tanto em relação a uma situação, quanto em relação ao co-enunciador, escolhendo o ponto de partida do enunciado. Por exemplo, a partir da lexis: <João, carro, comprar>, podemos ter: 1) João comprou o carro. Nesse caso, “João” é o ponto de partida. 2) O carro foi comprado por João. Já nesse caso, “carro” é o ponto de partida. Como afirma Valetim (1998, p. 44), “uma relação predicativa não é um enunciado, pois não está ainda localizada (ou situada) num espaço enunciativo munido de um referencial, isto é, não está ainda localizada em relação a um sistema de coordenadas enunciativas”.

O que era indeterminado nas relações primitivas e predicativas, passa a ser determinado na relação enunciativa por meio de um ato discursivo. Nessa relação, o pré-enunciado passa a enunciado por meio de operações de determinação e de aplicações de categorias de tempo, de aspecto e das modalidades, que será objeto de estudo desse trabalho. Em <João, carro, comprar>, para “João comprou um carro”, temos uma modalidade assertiva (o sujeito assume a predicação), marca de tempo e aspecto, e “João” determinado “carro” e “carro” sendo determinado por “João”. Nessa etapa, como vimos, há a presença do sujeito na enunciação. Organizam-se, portanto, os domínios nocionais, ou seja, há a formação de idéias gerais das coisas.

Essas etapas não acontecem de forma desarticulada, ao contrário, elas vão evoluindo até a constituição do enunciado, onde é possível identificar categorias, inclusive a categoria modalidade. Em seguida, discorreremos sobre o sujeito da enunciação e os parâmetros enunciativos.

### 3. Parâmetros constitutivos da situação de enunciação

Um aspecto a ser considerado no estudo da modalidade é a introdução de parâmetros enunciativos na descrição formal dos enunciados. Como vimos, o enunciador, na teoria culioliana, é uma entidade envolvida na atividade da linguagem, ou seja, a linguagem se constitui como uma manifestação desse sujeito enunciador que é fonte e origem dos enunciados produzidos.

Quando enuncia, o sujeito configura-se como um sujeito enunciador e constroi um sistema referencial à medida que define um tempo e um espaço enunciativo. Esse sistema referencial segundo Valentim (2002, p.451), “não é, pois, exterior à enunciação: é constituído na e pela enunciação, faz parte da enunciação, é consequência e, ao mesmo tempo, condição de toda enunciação”.

A partir da construção desse sistema referencial, identifica-se uma situação de enunciação que tem como parâmetros o sujeito enunciador e o tempo-espaço da enunciação, que se constituem como primitivos teóricos da teoria enunciativa. O sistema referencial é, portanto, “o localizador último das estruturas abstratas que o sujeito enunciador constrói naquela e por aquela enunciação, sendo dessa localização das estruturas abstratas em relação a um sistema referencial que resulta o enunciado”. (VALENTIM, 2002, p. 451).

Na teoria culioliana, o que gera a significação de um enunciado é uma cadeia de operações de localização abstrata em que o localizador, termo mais determinado, acaba determinando o menos determinado. Culioli simboliza esse encadeamento que é descrito por Campos (1997, p. 168) assim: “nessa cadeia de operações, o localizador último é o parâmetro enunciativo situação de enunciação origem Sit ( $S_0$ ,  $T_0$ ) – ou Sito, definida pelos parâmetros enunciativos enunciador origem  $S_0$  e tempo da enunciação origem  $T_0$ ”.

Entendemos, pela afirmação, que a própria situação de enunciação, Sito ( $S_0$ ,  $T_0$ ), é o localizador absoluto e origem de todas as determinações de tempo e espaço construídas na e pela enunciação. A partir da situação de enunciação origem, o enunciador origem constroi

outras situações de enunciação simbolizadas por Sit<sub>1</sub> (S<sub>1</sub>, T<sub>1</sub>), localizada em relação a Sito, e Sit<sub>2</sub> (S<sub>2</sub>, T<sub>2</sub>), localizada em relação a Sit<sub>1</sub>.

Neves (2006, p. 46) exemplifica esse encadeamento de “operações de localização em cascata” a partir do enunciado: “Paulo disse que Maria não vai à escola”. Segundo a autora,

Sit<sub>0</sub> é a situação não empírica, abstrata: <Paulo dizer <Maria (não) ir escola>>; Sit<sub>1</sub> é a situação de locução, na qual o sujeito modal (não marcado linguisticamente, representado por S<sub>1</sub>) constroi o significado; e Sit<sub>2</sub> é a situação do acontecimento linguístico, na qual Paulo (marcado linguisticamente por S<sub>2</sub>) constroi o enunciado ‘Maria não vai à escola’. (NEVES, 2006, p. 46).

Em relação aos valores modais, Campos (1997, p. 168) afirma que

ao ser localizada em relação a Sit<sub>0</sub> - <r> e Sit<sub>0</sub> - ou, mais especificamente, em relação ao enunciador S<sub>0</sub>, a relação predicativa <r> subjacente ao enunciado, adquire valores modais que exprimem, em diferentes tipos e graus, a forma como essa relação predicativa é assumida por S<sub>0</sub>. (CAMPOS, 1997, p. 168).

A afirmação acima nos mostra que os valores referenciais da categoria modalidade se constroem a partir de uma classe de sujeitos, localizados entre si. Esta classe de sujeitos é estabelecida a partir da localização da relação predicativa em relação ao primitivo teórico subjetivo, o sujeito, e integram o sistema referencial.

A relação enunciativa contém, como vimos, marcas de modalidade que se constituem em categoria gramatical. Na sequência, destacaremos as operações modais como ponto importante no processo de estruturação dos enunciados.

#### 4. A modalidade como categoria gramatical

Trataremos agora da definição e da classificação da modalidade formalizada numa perspectiva dinâmica de operações e situada no estudo de marcadores das operações que tendem à construção de valores gramaticais.

Valentim (2002, p. 453) afirma que “a modalidade resulta de operações enunciativas que incidem sobre uma relação predicativa, localizando-a num espaço enunciativo, num espaço referencial, que é construído na e pela própria enunciação”. A construção da modalidade como categoria gramatical, em um enunciado, ainda conforme a autora, “resulta da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro sujeito da enunciação”.

Compreendemos a partir das afirmações que a modalidade é uma categoria linguística que se manifesta como expressão da atitude do sujeito enunciador em relação ao enunciado que produz e em relação ao co-enunciador. É esse sujeito quem dá forma à enunciação por meio da modalização dos enunciados, ou seja, todos os enunciados comportam valores modais porque exprimem certa atitude do enunciador face a uma relação predicativa.

Os valores modais que todos os enunciados possuem se apresentam em diferentes tipos e graus. No tocante aos graus, o enunciador pode assumir a validação ou não validação da relação predicativa, assim como também, desresponsabilizar-se pela sua validação. Ou seja, o sujeito enunciador expõe o seu ponto de vista sobre aquilo que enuncia e a partir daí, ou assume o conhecimento construído ou se distancia dele, dependendo do valor modal que será atribuído. Assim a modalidade é descrita na teoria formal enunciativa de Culioli.

No intuito de compararmos, brevemente, a teoria culioliana a uma visão clássica de modalidade, recorreremos a Charles Bally, citado por Flores e Teixeira (2005). Apesar de não propor uma classificação das modalidades, Bally define essa categoria direcionada para uma caracterização lógica.

Bally foi reconhecido como o primeiro lingüista a formular um raciocínio voltado à enunciação, bem como uma teoria que considera a atividade do sujeito falante e que distingue a manifestação desse sujeito em categorias gramaticais específicas. Além disso, Bally trata,

em sua teoria, da oposição *dictum/modus* correlativa à idéia de que o sujeito falante não se limita a expressar um conteúdo representativo, mas atribui a este um determinado ponto de vista. O *dictum* é correlato dessa representação e o *modus*, correlato da avaliação modal de quem fala, ou seja, é uma operação do falante sobre o *dictum*.

Nesse contexto, Neves (2006, p. 71) define a modalidade, conforme Bally, como sendo

uma série de elementos que indicam que o *dictum*, processo puro e simples considerado como desembaraçado de toda intervenção do falante, é julgado realizado ou não, desejado ou não, aceito com alegria ou desgosto, e isso pelo falante ou por alguém que não o falante. (NEVES, 2006, p. 71).

Para a Teoria das Operações Enunciativas, a operação de construção do valor modal vai exprimir diferentes tipos de relações entre o enunciador e a relação predicativa, já que a modalidade opera em dois planos: a relação do enunciador com o conteúdo que ele diz e a relação do enunciador com o co-enunciador, ou seja, todo enunciado se serve de marcas gramaticais para exprimir o sujeito em relação àquilo que enuncia e o sujeito em relação a quem ele se dirige.

A modalidade pode ser marcada, segundo Culioli (1971, p. 26), por um “verbo”, “advérbio”, um “adjetivo”, etc, uma vez que ela incide sobre qualquer termo. Valentim (2008, p. 217) cita alguns fenômenos do português, habitualmente, etiquetados de modais, como

certos verbos de atitude proposicional (achar, pensar, etc), certos advérbios (certamente, lamentavelmente, sem dúvida, talvez, etc), certas construções sintáticas (como os adjuntos modais na minha opinião, do meu ponto de vista, etc) e os verbos ditos ‘auxiliares de modalidade’ ou ‘verbos modais’ (poder, dever, ter de e parecer). (VALENTIM, 2008, p. 217).

Esses “fenômenos”, como afirma a autora, marcam uma dada atitude do sujeito enunciador em relação à construção do seu próprio enunciado ou em relação ao co-enunciador (relação intersubjetiva), a quem ele se dirige.

Como mencionamos anteriormente, os valores modais que todos os enunciados possuem se apresentam em diferentes tipos e graus. Discorrido sobre os graus, importa tratar, agora, dos tipos de modalidades. Conforme a Teoria das Operações Enunciativas há quatro tipos de modalidades: 1) modalidades assertivas (afirmação ou negação), interrogativas ou injuntivas; 2) modalidades que versam sobre o necessário, o possível, o certo, o provável, o eventual; 3) modalidades apreciativas e 4) modalidades intersubjetivas.

A modalidade assertiva caracteriza-se pela opção que tem o sujeito enunciador entre dois valores (verdadeiro ou falso / afirmativo ou negativo) e se define, assim, como validação (asserção positiva) ou não-validação (asserção negativa) da relação predicativa. A escolha entre o positivo e o negativo, isto é, o valor de verdade na asserção é válido somente para o enunciador. Na interrogativa, uma questão é levantada pelo enunciador para que o co-enunciador decida, manifestando, inclusive, a vontade de não responder, gerando graus de indeterminação ou graus de incerteza. A injuntiva, concluindo essa primeira ordem de modalidade, está no plano da ordem, do pedido, da súplica ou da sugestão, caracterizando-se, portanto, por ser algo compatível tanto com a assertiva quanto com a interrogativa.

No segundo tipo de modalidades, destacamos uma escala de valores modais, entre o negativo e o positivo, que permite evidenciar o conhecimento que o enunciador tem para poder assumir a validação da relação da relação predicativa. O enunciador não tem informações seguras para validar totalmente a relação predicativa. Enunciados construídos com dever, talvez, achar, pensar, acreditar, dentre outros, se enquadram nesse tipo de modalidade.



Vale ressaltar que Campos e Xavier (1991, p. 340), na mesma linha do pensamento culioliano, enquadram esses dois primeiros tipos na chamada modalidade epistêmica, uma vez que trata do conhecimento que o sujeito enunciador possui em relação a algum assunto.

Outro tipo de modalidade é a chamada apreciativa em que um juízo de valor ou uma apreciação é construída pelo enunciador em relação a uma relação predicativa já validada ou validável. Essa modalidade decorre da posição do enunciador frente a um fato, ou seja, julgamentos, avaliações, e depende da relação que esse sujeito estabelece com o enunciado que produz.

Por fim, a modalidade intersujeitos determina uma relação direta entre o sujeito enunciador e o co-enunciador que é estabelecida por relações de vontade, de obrigação, de permissão, de restrição, “que emanam de uma fonte deôntica, explícita ou implícita, e que recaem sobre o co-enunciador, direta ou indiretamente, pressionando-o ou coagindo-o a realizar a situação (necessariamente dinâmica) descrita pela relação predicativa” (VALENTIM, 2008, p. 224).

Como marcadores desse valor modal, podemos mencionar os modais deônticos (dever, poder, é preciso, é necessário), o modo verbal imperativo e seus substitutos, o verbo *ter de/que* e a interrogação.

Importante perceber que alguns desses marcadores abrem espaço para a primeira ordem de modalidades, especificamente, a interrogativa e a injuntiva, confirmando, assim, questões combinatórias entre as modalidades – fundamental em qualquer enunciação - apesar de uma classificação taxativa.

Nas *regras de etiquetas*, o esforço maior não está em investigar a predominância de uma modalidade sobre a outra nos enunciados, e sim, em descrever as ocorrências dos valores modais correspondentes a operações que caracterizam o ponto de vista do sujeito enunciador sobre aquilo que enuncia. Passemos, então, à descrição do gênero.

## 5. Regras de etiqueta: uma breve descrição do gênero

É na definição socio-histórica de gênero proposta por Bakhtin (2003) em que se apoia essa descrição. Segundo o teórico, os gêneros são formas de discurso resultantes de uma convenção, de uma espécie de consenso social, criados, mantidos e perpetuados na interação. Motta-Roth e Heberle (2007), ao fazerem uma releitura de Bakhtin, afirmam que cada situação de comunicação vai se somando a outras situações discursivas antecedentes e da mesma natureza, recaindo, assim, numa padronização do discurso recorrente em circunstâncias específicas.

O gênero é dotado de uma concepção valorada e ideológica, característica absorvida em decorrência de uma das essências da palavra “gênero”: ser, constitutivamente, ideológica. Desempenha, portanto, papel ideológico na vida social. Ele mostra a realidade e a altera, distorce, ou seja, tanto “reflete” como “refrata a realidade” a que está vinculado. (BAKHTIN, 2002, p. 46)

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Depreendemos, portanto, que gêneros do discurso são formas (relativamente) estabilizadas de interação verbal. É através deles que organizamos nosso discurso e estabelecemos uma situação de comunicação numa dada esfera da comunicação verbal.

A problemática do gênero gira em torno do enunciado, como confirma a citação, que se constitui num dado real pertencente a um gênero, que é pré-existente. Assim, de acordo com Bakhtin (2003), algumas características do enunciado aparecem como distintivas: é

delimitado pela alternância dos sujeitos falantes; possui um acabamento específico, no sentido de transferir, isto é, passar a palavra ao outro; e é uma unidade indissolúvel em relação aos seguintes elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O gênero *regras de etiqueta* tem o propósito comunicativo de estabelecer um conjunto de normas ou regras que versam sobre comportamentos, posturas e atitudes direcionadas aos indivíduos em geral, em diferentes ocasiões ou situações para um melhor convívio social.

A etiqueta constitui-se, assim, num código de regras que rege o comportamento do ser social e que dita boas maneiras, bons costumes, elegância, estilo e distinção, seja nos ambientes sociais, seja nos ambientes profissionais ou domésticos, determinando um comportamento ideal a ser assumido pelo indivíduo.

Em relação à estrutura composicional das *regras de etiqueta*, percebemos que, a partir de ocorrências previstas por elementos contextuais, não há, nesse *corpus*, maiores discussões sobre elementos que seriam obrigatórios no gênero, ou opcionais, uma vez que essa estrutura se apresenta quase idêntica, em regras distintas, nos seguintes movimentos retóricos: apresentação breve das regras; especificação do item a ser discutido ou prescrito e apresentação das regras referentes ao item.

Na cena enunciativa, destacamos que as regras de etiqueta são elaboradas por alguém ou por um grupo de pessoas que se configura como sujeito enunciador e que se dirige aos indivíduos em geral, co-enunciadores, marcando o enunciado com um valor modal epistêmico, apreciativo ou deôntico, dependendo do seu ponto de vista.

Esse gênero, diferentemente da maioria dos gêneros que se enquadram como textos prescritivos, comporta outros tipos de modalidades descritos na Teoria das Operações Enunciativas, embora haja predominância de verbos no imperativo e de outras marcas que destacam a modalidade intersujeitos no momento em que o enunciador normatiza o comportamento ideal do indivíduo. Mas outros marcadores também aparecem nos enunciados revelando a posição do enunciador em relação ao que é dito.

Descrevemos, em seguida, os valores modais presentes nos enunciados de regras de etiqueta à mesa, no ambiente de trabalho e ao telefone, extraídas das revistas eletrônicas *Acessa.com* e *Brasil Escola*, *O Globo* e *Você S.A.*, respectivamente.

## 6. A modalidade no gênero: análises

Vejamos os valores modais de alguns enunciados. No caso da primeira ordem de modalidade, os enunciados são construídos com valor de asserção positiva ou asserção negativa, como exemplificamos nos enunciados de (1) a (5):

- (1) Por telefone, a expressão facial e a linguagem corporal se perdem.
- (2) Os aparelhos (de telefone) são sensíveis.

Em (1) e (2) o sujeito enunciador assume a verdade dos fatos, ou seja, ele se responsabiliza pela informação que transmite no enunciado. O mesmo ocorre em (3):

- (3) Humor é um tema complicado no ambiente de trabalho.

No domínio do certo, o enunciador constroi uma asserção estrita positiva que corresponde ao pólo positivo na escala de valores modais. A relação predicativa nesses casos é totalmente validada, uma vez que o enunciador se compromete e assume a informação pelo seu conhecimento em relação ao fato.

Ainda no domínio do certo, temos:

- (4) Fundos musicais e gracinhas não combinam com negócios.

(5) Esta ordem - de arrumar os copos - não é obrigatória.

O enunciador não valida, ou seja, assume a não-validação da relação predicativa. Há, nesses casos, a caracterização do valor de asserção negativa, confirmando a construção de enunciados com valor modal assertivo estrito negativo.

Em outra ocasião, o sujeito enunciador pode invocar o co-enunciador e atribuir a ele a condição de participante na validação de valores, como em:

(6) Todos sabem que não se deve colocar os cotovelos sobre a mesa.

Através da expressão *todos sabem*, o enunciador, como afirma Campos (1997, p. 169, *apud* Valentim 2002, p. 454) “procura conseguir um certo grau de irrefutabilidade, introduzindo para isso, o co-enunciador, ou mesmo a comunidade em geral, como participantes na validação de valores que ele próprio constroi”.

Apresenta também valor modal epistêmico os enunciados (7) e (8):

(7) É recomendável evitar o uso de laptops em reuniões e apresentações.

(8) O ideal é vestir-se de acordo com o estilo deles.

em que o sujeito enunciador externa por meio da expressão *é recomendável* e *o ideal é*, uma obrigação branda, assumindo parcialmente a validação da relação predicativa. Nas construções, o enunciador não situa o que diz no extremo da compulsoriedade, parece distanciar-se um pouco da responsabilidade de afirmar com precisão o que o co-enunciador deve fazer nessas situações.

Na construção (9):

(9) No Brasil, usa-se mais a regra de usar o garfo sempre na mão esquerda.

interessante observarmos que o enunciador não valida totalmente a relação predicativa porque não assume completamente a informação de que se usa, no Brasil, a regra de usar sempre o garfo na mão esquerda. A regra mostra que o garfo deve estar na mão esquerda, mas o enunciador sugere que essa regra é a que é mais usada no Brasil, não significando que seja sempre usada.

Nesse caso, temos um valor modal epistêmico, mais precisamente injuntivo na Teoria das Operações Enunciativas, em que o sujeito enunciador marca com um tom sugestivo o seu conhecimento em relação a uma regra que pode ser (mais) utilizada em um local. Na escala de valores modais, se enquadra no domínio do quase-certo, justificado pela presença do marcador *mais*.

Em relação às modalidades apreciativas, reiteramos que o enunciador constroi juízos de valor de natureza apreciativa sobre uma relação construída e já validada ou validável. Não está em questão, portanto, a validação da relação predicativa.

Sobre essa questão, afirma Valentim (2008, p. 220) que

uma asserção apreciativa, positiva ou negativa, pode, efetivamente, corresponder apenas à construção, por parte do enunciador, de uma apreciação sobre o caráter bom ou mau, favorável ou desfavorável, do conteúdo proposicional de uma relação predicativa construída como validada (ou como não validada) noutra situação de enunciação (Sit) que não na situação de enunciação em curso (Sit0). (VALENTIM, 2008, p. 220).

Analisemos os enunciados a seguir:

(10) A cena, infelizmente, é comum: você está em reunião na sala de um sujeito e ele atende a três chamadas “urgentes” em meia hora.

(11) É feio mesmo usar palitos (à mesa).



(12) Espelhar-se nos gestores é uma boa estratégia.

O valor modal apreciativo é introduzido nesses enunciados por um adjetivo (boa, em (12)), pelo marcador lexical adverbial (infelizmente, em (10)) e por uma construção de atitude proposicional (É feio mesmo, em (11)).

Destacamos duas formas de construção do valor modal apreciativo: ou a modalização incide sobre um valor assertivo construído na mesma relação predicativa, ou, por meio da utilização de uma expressão impessoal (é bom que, foi bom que) valida-se uma relação predicativa construída numa outra enunciação.

As relações predicativas dos enunciados (10), (11) e (12) são validadas na situação de enunciação definida pelo enunciador. O modo indicativo e infinitivo dos verbos são os marcadores dessa validação. Há, portanto, a presença de um valor modal de ordem apreciativa sobre o valor epistêmico de asserção da relação predicativa validada.

Em (13) temos a outra forma de construção do valor modal apreciativo:

(13) É bom lembrar que o bom senso é a melhor forma de evitar gafes.

Nessa construção, o marcador modal *é bom lembrar que* designa um juízo de valor apreciativo a uma relação predicativa validada numa outra situação de enunciação.

Não há, portanto, a construção de um valor modal no mesmo enunciado, ou seja, há uma asserção (*o bom senso é a melhor forma de evitar gafes*) e uma manifestação modal (*É bom que* – termo localizador) em relação a essa asserção.

Percebemos, até aqui, que nas regras de etiqueta não se manifestam apenas valores modais intersujeitos, conforme vimos nos enunciados analisados. Mas constatamos uma predominância desses valores, uma vez que é do gênero em questão, de natureza coercitiva, a ação do enunciador sobre o co-enunciador a fim de que este realize o conteúdo da relação predicativa modalizada.

Adentramos agora nas modalidades intersujeitos em que o sujeito enunciador age sobre o sujeito enunciado por meio de suas realizações linguísticas, levando-o a realizar algo. “Esse valor encontra-se em enunciados que exprimem ordens, pedidos, desejos, permissões, entre outros”. (NEVES, 2006, p. 84).

Nos enunciados

(14) É preciso ter cuidado com o modo vibratório do celular.

(15) Pode-se começar a comer após algumas pessoas terem sido servidas.

temos uma relação interagentiva que ocorre entre o enunciador e o seu co-enunciador. Na construção (14), imaginamos uma situação em que há uma reunião ou encontro profissional e o enunciador rege uma norma para essa situação e a dirige para os leitores, co-enunciadores, que demonstram interesse em regras para um bom comportamento social. Então, quando o enunciador constroi essas regras, percebemos que é ele quem detém os conhecimentos de como se portar em ambientes sociais; o co-enunciador é apenas o interessado nessas regras e, portanto, assume a condição de aprendiz.

Esse quadro marca uma relação assimétrica entre o sujeito enunciador e os co-enunciadores. É assim, na maioria das vezes, nos valores modais intersujeitos. O mesmo ocorre em (15) quando o enunciador age sobre o co-enunciador para ditar o que é possível ou não à mesa.

No enunciado (14) temos as seguintes operações subjacentes à construção do valor modal intersujeitos: construção da relação predicativa e a construção de uma relação interagentiva (sujeito da enunciação age sobre o sujeito do enunciado) marcada por *é preciso*. No (15), temos: construção da relação predicativa e, também, a construção de uma relação

interagentiva (sujeito da enunciação age sobre o sujeito do enunciado) marcada pela construção de uma ocorrência do verbo *poder* na terceira pessoa do singular do indicativo.

(16) Durante reuniões de negócios, o profissional deve colocar o celular no silencioso e deixar as ligações para serem recebidas pela caixa postal.

Nesse enunciado, o agente impõe um comportamento a ser cumprido, ele age sobre o alvo deôntico (*o profissional*) obrigando-o, por meio do verbo *dever*. Essa relação de agentividade é validada na mesma enunciação.

Na construção (17),

(17) Se uma segunda linha tocar enquanto você está falando, atenda e peça à pessoa da segunda ligação para esperar um pouco.

Aqui, a relação de agentividade é estabelecida quando o sujeito enunciador obriga, por uso do modo verbal imperativo (*atenda*) que seu alvo (especificado como *você*) faça algo enquanto estiver numa primeira linha recebendo uma ligação. Há, portanto, a validação da relação na mesma enunciação.

No olhar para uma segunda construção dessa relação de agentividade, percebemos que o que era alvo na primeira relação, no caso um sujeito do enunciado especificado como *você*, passa a ser agente, a partir das orientações recebidas e do cumprimento dessas em face de outra pessoa que está em outra ligação (*pessoa da segunda ligação*). A relação é construída aí não como validada, mas como validável em outro plano em relação ao plano enunciativo.

Exemplificando, ainda, a modalidade intersujeitos, temos nas regras de etiqueta:

(18) (Em apresentações) Não ultrapasse o limite de tempo.

(19) Não se deve fazer comentários sobre religião, gênero, raça ou preferência sexual.

(20) Não faça fofocas sobre ex-funcionários ou colegas da empresa.

Estes enunciados de valor modal intersujeitos são marcados pelo imperativo, *ultrapasse* (18) e *faça* (19), e pelo verbo *dever* (20) com valor deôntico. O enunciador age sobre o co-enunciador não incentivando uma ação, mas inibindo-o, restringindo algumas atitudes sociais. Existe nos enunciados um valor modal assertivo em que o sujeito da enunciação compromete-se com a validação da relação predicativa. As relações predicativas assertadas são: <não ultrapassar < limite (de) tempo>; <não dever <fazer comentários (sobre) gênero (ou) raça (ou) preferência sexual> e <não fazer <fofocas (sobre) ex-funcionário (ou) colega (da) empresa>.

Destacamos, também, como marcadores da modalidade intersujeitos o verbo *ter de/que*, como em:

(21) Às vezes, *temos que* atender alguém na frente de terceiros.

Os exemplos abaixo,

(22) Quem testemunha qualquer conversa ao telefone, deve ficar surdo e mudo.

(23) Quem convoca uma reunião deve começá-la na hora.

comportam valores modais intersujeitos marcados com o verbo deôntico *deve* somado ao pronome interrogativo *quem*, que representa “a classe de ocorrências que poderiam preencher esse lugar no enunciado”. (NEVES, 2006, p. 85). O enunciador define com esta última marca, *quem* (22) e (23), o espaço enunciativo em que seu co-enunciador construirá a validação pretendida.

## 7. Considerações finais

A modalidade, como vimos, expressa a atitude do falante em relação ao que diz ou em relação ao co-enunciador, constituindo-se como uma categoria gramatical que se manifesta por meio de diferentes marcas. Se todo o enunciado, entendido como resultado de um conjunto de operações, exprime uma determinada atitude do enunciador face a uma relação predicativa (regenciamento da lexis na Teoria das Operações Enunciativas), é bem verdade que todos esses enunciados comportam valores modais.

A identificação dos tipos de modalidade, assim como a descrição dos valores modais no gênero *regras de etiqueta*, objetivos deste trabalho, nos mostra que o sujeito enunciador é o elemento central da cena enunciativa, contado com a participação do co-enunciador quando simplesmente marca presença diante do enunciador ou quando este o responsabiliza pela validação da relação predicativa.

Mesmo assumindo uma natureza prescritiva por estabelecer um conjunto de normas ou regras que versam sobre comportamentos ideais do indivíduo no meio social, o gênero manifesta outros tipos de modalidade que não apenas a modalidade intersujeitos manifestada pela predominância, nos enunciados, de verbos no modo imperativo e de verbos deônticos, especialmente o *dever* e o *poder*.

O gênero, de fato, impõe, obriga, permite, proíbe ou restringe a partir das relações que o enunciador estabelece com o co-enunciador, muitas vezes num plano assimétrico. Mas também, o sujeito enunciador pode emitir um juízo apreciativo de valor sobre aquilo que diz ou simplesmente, negar, afirmar, transitar pelo domínio do não-certo ou interrogar (a interrogação pode ser considerada como valor modal intersujeitos ou integrante da primeira ordem de modalidades, assim como outras marcas), manifestando aí outros valores modais e a possível relação entre os tipos de modalidades.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. A relação entre a infra-estrutura e as superestruturas. In: **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Jussara de. **Regras de etiqueta**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/regras-etiqueta.htm>, acesso em janeiro de 2010.

CADERNO Mulher. **Convívio social** – algumas regras de etiqueta. Disponível em: [http://www.acesa.com/arquivo/mulher/dicas/1998/07/29-Convivio\\_Social/](http://www.acesa.com/arquivo/mulher/dicas/1998/07/29-Convivio_Social/), acesso em janeiro de 2010.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa e XAVIER, Maria Francisca. **Sintaxe e semântica do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

\_\_\_\_\_. **Tempo, aspecto e modalidade** – Estudos de linguística portuguesa. Lisboa: Porto Editora, 1997.

CULIOLI, Antoine. **Rubriques linguistiques de l'Encyclopédie Alpha**. Paris: Grange-Batelière, 1971.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l'énonciation** – Domaine notionnel (Tome 3). Paris: Ophrys, 1999.

\_\_\_\_\_. **Variations sur la linguistique**. Entretiens avec Frédéric Fau – KlicKsieck, 2002.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. O primeiro pós-saussuriano: Charles Bally. In: **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUQUES, Ione. **Regras de etiqueta no ambiente de trabalho**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/boachance/mat/2009/12/08/regras-de-etiqueta-no-ambiente-de-trabalho-915103795.asp>, acesso em janeiro de 2010.

MATARAZZO, Cláudia. **Conheça as regras de etiqueta para não errar o tom quando falar ao telefone**. Disponível em: [http://vocesa.abril.uol.com.br/informado/aberto/ar\\_185348.shtm](http://vocesa.abril.uol.com.br/informado/aberto/ar_185348.shtm), acesso em janeiro de 2010.

MOTTA-ROTH, Désirée e HEBERLE, Viviane M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J.L., BONNINI, Adair e MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, Janete dos Santos Bessa. **Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigos de opinião**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

VALETIM, Helena Topa. **Predicação de existência e operações enunciativas**. Lisboa: Colibri, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre a pertinência da introdução do parâmetro sujeito enunciador na prática do ensino do Português**. In A. Bárrios; J.O. Strecht Ribeiro (coords.), Actas do 1º Encontro Nacional de Investigação e Formação da Escola Superior de Educação de Lisboa: Globalização e Desenvolvimento Profissional do Professor. Lisboa: CIED/ESELx, pp. 451-460 ( <http://www.eselx.ipl.pt/Iencontro/Actas/textos/H.%20Valentim.htm>), 2002.

\_\_\_\_\_. **Modos gramaticais e modalidades - algumas particularidades do Português Europeu**. In Anna Kalewska (org.) Diálogos com a Lusofonia. Actas do colóquio comemorativo dos 30 anos da Secção Portuguesa do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia. Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW Warszawa, ([http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio\\_ISII-UW\\_32\\_VALENTIM-Helena\\_Modos-gramaticais-e-modalidades.pdf](http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISII-UW_32_VALENTIM-Helena_Modos-gramaticais-e-modalidades.pdf)), 2008.